

Pierre Daunou: um discurso sobre a história

José D'Assunção Barros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

jose.d.assun@globomail.com

Resumo: Este artigo dedica-se a analisar a concepção historiográfica de Pierre Daunou, procurando mostrar características e ambigüidades deste político francês que também se fez historiador. O artigo examina mais especificamente o texto de época que levou o título de “Discurso de Abertura do Curso de História pronunciado no Collège de France em 13 de abril de 1819”.

Palavras-chave: Daunou, historiografia francesa, século XIX.

O “Discurso de Abertura do Curso de História para o Collège de France”, de Pierre Daunou – historiador e político francês da transição do século XVIII para o XIX, constitui um indício bastante interessante de que esta nova era historiográfica demarcada pela historiografia científica e profissional do século XIX não irradiou apenas da Alemanha, país em que a nova historiografia se fez mais presente nos primeiros momentos e no qual conquistou os seus resultados mais fulgurantes na primeira metade do século XIX a partir de nomes como o de Niebuhr e Ranke. Em Daunou, já vemos se anunciarem algumas das novas questões e práticas que conferem uma nova identidade aos historiadores do século XIX.

Outrossim, vemos em Daunou também algumas persistências de um antigo fazer historiográfico, tal como a atribuição de uma função utilitária à História, por ele considerada, à maneira de Voltaire, como uma “mestra da vida”. É assim que o “Discurso sobre a História”, de Pierre Daunou, mostra uma passagem de uma antiga era historiográfica a outra, anunciando novas tendências e alternando-as com antigas práticas.

É sobre este texto de Daunou, e sobre o que ele anuncia das novas tendências historiográficas oitocentistas, ao mesmo tempo em que preserva alguns aspectos identificáveis com a historiografia iluminista, que

discorreremos neste artigo¹. Buscaremos, ainda, relacionar o pensamento historiográfico de Daunou com influências como a de Voltaire, além de situá-lo na rede historiográfica de sua própria época ao contrastá-lo com autores como os intelectuais e historiadores alemães da transição do século XVIII para o século XIX.

Pierre Daunou (1761-1840), além de ter se dedicado à História e ao Ensino de História, foi sobretudo um político importante em sua época. Começa a construir a sua erudição a partir de uma carreira religiosa que o levou, na primeira fase de sua vida, a se tornar monge da ordem dos oratorianos – uma ordem que esteve bastante envolvida no movimento revolucionário iniciado em 1789. Politicamente, pertenceu ao grupo dos girondinos, e escapou por pouco da guilhotina durante o Terror. Após a reversão política que acabou por se voltar contra os próprios seguidores de Robespierre, Daunou passou a desfrutar de um prestígio cada vez maior na Convenção. Em 1804, já sob o regime de Napoleão Bonaparte, assumirá a função de Guarda dos Arquivos, o que teve evidente importância para a sua contribuição à historiografia, e também à arquivística, já que Daunou nesta nova função desenvolveu um método específico para a classificação de diversos tipos de documentos que já faz parte também da história deste campo de saber².

Entre as principais influências que contribuíram para enriquecer o pensamento historiográfico e filosófico de Daunou está a de Voltaire, uma influência assumida por aquele político e historiador francês que já pertence à geração seguinte de intelectuais que sucedeu ao príncipe do iluminismo. Daunou viveu os acontecimentos revolucionários da França do final do século XVIII, o período napoleônico e além. O seu

1. O “Discurso de Abertura do Curso de História, pronunciado no Collège de France em 13 de abril de 1819”, proferido por Pierre Daunou, foi traduzido para o português na recente coletânea de textos historiográficos dos séculos XVIII e XIX intitulada *Lições de História* (MALERBA, 2010. p.72-89). O texto, nesta edição brasileira, é precedido por uma apresentação de Daniela Kern sobre a vida e obra de Pierre Daunou. No presente artigo, não enfatizaremos, senão lateralmente, a vida e obra de Daunou, mas apenas aspectos apresentados pelo próprio texto de Daunou que será analisado.

2. A contribuição de Daunou para a arquivologia e para a consolidação de arquivos históricos também aparece em outros momentos. Em 1840 ele será nomeado, pelo ministro François Guizot (ele mesmo também historiador), para assumir a função de membro da comissão cuja tarefa era publicar documentos inéditos da história da França (KERN, 2010, p.71).

“Discurso de Abertura do Curso de História” para o Collège de France é pronunciado em 13 de abril de 1819.

Se nos textos historiográficos de Voltaire ainda percebemos uma concepção histórica que oscila entre o antigo e os novos modos historiográficos – embora também antecipando elementos de uma historiografia futura que mais tarde seriam reverenciados por historiadores do século XX – em Daunou já podemos perceber mais claramente que uma nova época historiográfica se anunciara. Para começar, a História já é claramente anunciada como uma ciência. Mas, ao lado disto, a busca de uma singularidade que seria típica da História, por contraste com outras formas de conhecimento, já parece se antepor aos sonhos iluministas de fazer dos estudos sobre as sociedades humanas um tipo de conhecimento próximo ao das ciências naturais e exatas. Nesta perspectiva, e também na atenção dedicada à crítica documental, Daunou parece se aproximar bastante dos historiadores da Escola Alemã, então em formação do outro lado do rio Reno.

O “Discurso sobre a História” (sintetizaremos assim o seu título) começa precisamente por elaborar uma comparação entre as ciências naturais e a História. Esta, de um lado, é já apresentada formalmente como ciência, mas de outro lado Daunou empenha-se por começar por registrar alertas que pontuam as desvantagens da História em relação às outras ciências de seu tempo. Conforme ressalta o político francês, “de todas as ciências, [a História] seria a mais indefinida em seus objetos, a mais limitada em seus meios, aquela que menos admite observações imediatas e métodos rigorosos; aquela que tem mais dificuldade de superar seus erros e que menos pode se simplificar pelos seus progressos” (DAUNOU, 2010, p.73).

A trajetória da História como forma de conhecimento que veio se formando desde os tempos antigos seria ainda, segundo Daunou, hesitante, com um ritmo de aperfeiçoamento mais lento, embora também se entreveja no discurso do político francês a ideia de que, cada vez mais, ao se aproximar de sua própria época, ela passe a assumir a “luminosidade natural” que já se podia ver nas demais ciências mais intensamente banhadas pelas luzes do esclarecimento. Essas imagens são bem vivas em Daunou, e, se demarcam um contraste entre a História e outras formas de saber, são complementadas pela ideia de que, ainda que o político

francês não se constranja em reconhecer que, embora “nunca venha a se tornar uma ciência exata”, a História pode aspirar a certa modalidade de precisão (DAUNOU, 2010, p.75).

A crítica documental encontra aqui, aliás, uma centralidade na prática historiográfica que é essencial para conferir ao trabalho historiográfico alguma objetividade. Veremos em Daunou, é claro, apenas o patamar de reconhecimento da dinâmica entre objetividade e subjetividade que encontraremos também nos historicistas alemães de sua própria época. O “exame e a escolha dos fatos, sua distribuição de acordo com os tempos e os lugares, e a maneira, de expô-los, de modo a formar ao mesmo tempo um quadro sensível e um corpo de conhecimentos verdadeiros” constituem a tríade a ser percorrida pela crítica. “Autenticidade”, “Precisão” e “Veracidade” são anunciados como os aspectos essenciais, de modo que se pode perceber aqui que, já nestas primeiras décadas do século XIX, estavam presentes também entre os historiadores franceses os novos parâmetros que começavam a nortear a historiografia profissional na Alemanha.

Ao lado dos aspectos que se tornariam tão típicos da Crítica Documental que, herdada dos antiquários, seriam desenvolvidos e alçados a um especial lugar na metodologia historiográfica do século XIX – a cuidadosa aferição da autenticidade, precisão e veracidade – é interessante observar que Daunou também situa como um aspecto importante da crítica a seleção dos fatos históricos a serem considerados. Esta preocupação, ele a herda de Voltaire. Os fatos devem ser “escolhidos” não apenas de acordo com a sua certeza e probidade, mas também em função da sua “importância” (DAUNOU, 2010, p.81).

Esta preocupação também leva Daunou a discutir, em seu “Discurso sobre a História”, a diversidade e variedade de tipos de fontes disponíveis aos historiadores. É muito interessante ainda observar a importância que Daunou já reconhece à necessidade de situar os fatos e as fontes “nos lugares e nos tempos que lhes são próprios” (2010, p.82). Daí Daunou retomar uma antiga ideia de que “a geografia e a cronologia são os olhos da história” (2010, p.82). E é igualmente oportuno salientar que, à consciência sobre o lugar e o tempo das fontes, Daunou acrescenta a necessidade da “crítica” e da “filosofia” que devem presidir “o exame e a escolha dos fatos” (2010, p.82).

Se a influência da crítica documental historicista mostra-se uma nota importante na harmonia teórico-metodológica de Daunou, a influência de Voltaire é de igual maneira assumida claramente da busca de uma história utilitária, que possa atender às demandas da moral e da política. Esse aspecto, de alguma maneira, ainda liga a concepção historiográfica de Daunou aos tempos iluministas, e é interessante atentar para a sua ênfase na necessidade de evitar o acúmulo desnecessário de história – uma questão que, se já se mostrara em diversos dos escritos de Voltaire (2010, p53.), e que mais tarde retornará com a crítica de Nietzsche à historiografia de sua própria época, no célebre ensaio “Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a Vida” (NIETZSCHE, 2005, p.100) ³. Em sintonia com preocupações como esta, e prevenindo-se contra insinuações já existentes em sua época de que a História seria em parte um tipo de conhecimento supérfluo, assim se expressa Daunou:

Entre as inumeráveis ações humanas que vão se sucedendo e se repetindo no curso dos séculos [...] há um número bem grande cujo esquecimento de modo algum seria um dano; conhecê-las não é se esclarecer nem mesmo se instruir; é, ao contrário, acumulá-las com tanto esforço e tão pouco proveito que podemos comprometer a dignidade da história e fornecer pretextos àquelas que contestam sua utilidade (DAUNOU, 2010, p,75).

Daunou tem em vista, entre outros, a crítica de filósofos que, como D’Alambert, por ele citado no seu “Discurso sobre a História”, quase consideram como principal função da história mediar as conversas sociais, à História se referindo como “uma dessas inutilidades tão necessárias que servem para preencher as lacunas imensas e presentes na sociedade” (DAUNOU, 2010, p.76).

À ideia de que a História seria apenas uma forma sofisticada de entretenimento e de conteúdo para a comunicação, ou ainda o material que se oferece à arte e à literatura como fundo e ambiente temático para produzir um bom quadro ou uma grande peça literária, Daunou sustenta, como uma das principais contribuições da história para a vida,

3. O prefácio ao *Carlos XII* apresenta, em parte, uma crítica ao excesso de histórias inúteis. De igual maneira, A crítica ao furor de escrever histórias inúteis, aliás, é também algo que aparece em Nietzsche no já mencionado texto, que se refere à “acumulação de conhecimentos indigestos no estômago dos homens modernos” (NIETZSCHE, 2005, p.100) e que ironiza os “operários da história” (NIETZSCHE, 2005, p.127).

a sua conexão com o político. De fato, encontraremos em Daunou, já claramente prenunciada, a tendência para a ênfase no político que estará bem pronunciado no novo século (DAUNOU, 2010, p.76) ⁴. Contemplando tanto a nova tendência para a ênfase da História no político, como o preceito voltairiano de que a história encontra uma de suas principais qualidades na potencialidade para instruir, Daunou fará da História uma espécie de “moral experimental”, conforme sua própria expressão (DAUNOU, 2010, p.78):

Não concebo de modo algum o que poderia ser a história, nem como ela seria uma ciência, se ela não fosse a moral experimental. Para compreender que, com efeito, ela não é outra coisa, bastaria refletir sobre essas relações íntimas que acabamos de perceber entre ela e a literatura, e que provém, assim me parece, do fato de que elas aspiram, uma, a desvelar o coração humano, e a outra, a pintá-lo. Todas as duas chegam a sentimentos morais, a ideias morais; elas tendem igualmente, cada uma segundo o caráter e a direção de seus trabalhos, a reconhecer quais são nossos deveres e nossos direitos (DAUNOU, 2010, p.78).

Este pequeno trecho religa-nos a outra nota importante na bem articulada harmonia teórica que se afirma com a concepção historiográfica de Pierre Daunou. Em seu “Discurso sobre a História”, Daunou dedica algumas páginas a mostrar que a História, tal como a propõe Voltaire e muitos outros antes dele, é “mestra da vida” ⁵. A ênfase bem definida neste aspecto ainda associa Daunou, de certa maneira, a uma perspectiva historiográfica anterior, embora, conforme já vimos, em outros aspectos, como a crítica documental, já possamos identificar neste político francês um historiador bem sintonizado com a historiografia científica que já começava a emergir no seu tempo. Falar em “moral experimental”, aliás, no trecho que reproduzimos acima, denuncia de algum modo essa suave tensão em uma concepção historiográfica que, de um lado, prossegue com a concepção iluminista de que a história é “mestre da vida”, e, de outra, já se preocupa em reafirmar que a História é ciência.

4. “Não sei, senhores, se exagero a importância do gênero de estudos ao qual devo me consagrar, mas me parece que ele está tão ligado aos grandes interesses e à própria vida dos corpos políticos que podemos quase sempre julgar o estado e o progresso deles pelos seus” (DAUNOU, 2010, p.76).

5. A ideia de que a História é “mestre da vida” remonta à *Oratória* de Cícero (106-43 a. C.), e à sua retomada por Diodoro (90-30 A.C.), ainda nos tempos antigos, na obra *Bibliotheca Histórica* (DIODORO, 1883).

O evocado experimentalismo – a História é uma “moral experimental”, e não simplesmente “moral” – mostra-se aqui uma expressão chave para compreender este último aspecto. Adicionalmente, devemos compreender isto lembrando que o curso que Daunou passaria a ministrar, e ao qual o “Discurso sobre a História” pretende apresentar, traz o título de *História e Moral* (DAUNOU, 2010, p.78). De todo modo, eis aqui, em todas as letras, a antiga ideia de que a História é a “mestra da vida”:

Do mesmo modo que o estudo das ciências físicas nos torna mais atentos aos fenômenos naturais que a cada dia atingem nossos sentidos, a maior parte dos homens tem uma necessidade semelhante de fazer, na história, o aprendizado das observações sociais, e de aprender por meio de suas lições a colher aquelas que deve receber alhures. Eis porque Cícero a nomeava mestre da vida, a ciência que ensina a viver: ela merece tanto mais esse título quanto mais parece ordinariamente não possuir outro fim a não ser confirmar por exemplos todos os preceitos da moral prática (DAUNOU, 2010, p.79) ⁶.

Esta associação entre a História e um necessário utilitarismo que deve apontar para vida política, e em alguns casos para o âmbito das sociabilidades, ainda faz de Daunou, assim como de seu predecessor Voltaire, um historiador que oscila entre os antigos e os novos tempos historiográficos. Tanto Voltaire como Daunou discutem a possibilidade de que os governantes podem (e deveriam) aprender com os exemplos históricos (DAUNOU, 2010, p.80; e VOLTAIRE, 2010, p.53) ⁷. A História, ademais, tem igualmente a função de oferecer comparações

6. Mais adiante, Daunou acrescenta: “Os senhores hão de reconhecer que as mais leis máximas são precisamente aquelas que a história ensina; as melhores leis aquelas que ela recomenda; as práticas mais imparciais, aquelas que ela indica como mais hábeis e menos perigosas. Não duvidemos que a arte social lhe deva uma grande parte de seus progressos: ela revelou ao monarca esclarecido que nos governa os princípios dessa lei fundamental, em que são aproveitados todos os conselhos da experiência, em que a justiça e a verdade são apenas a dupla expressão de uma mesma ideia, de uma única e mesma condição de associação política” (2010, p.80-81).

7. Em Daunou, destacamos esta passagem: “Ela [a História] revelou ao monarca esclarecido que nos governa os princípios desta lei fundamental, em que são aproveitados todos os conselhos da experiência” (DAUNOU, 2010, p.80). Em Voltaire, podemos encontrar no verbete sobre a História passagens como esta: “Os exemplos causam um grande efeito sobre o espírito de um príncipe que lê com atenção. Ele verá que Henrique IV empreendeu sua grande guerra, que deveria mudar o sistema da Europa, apenas depois de haver se certificado o suficiente do vigor da guerra para poder sustentá-la por vários anos sem nenhum socorro às finanças” (VOLTAIRE, 2010, p.47, p.53).

entre diferentes sociedades, o que não deixa de se relacionar à mesma função de instrutora dos espíritos. Deste modo, pode-se dizer que tanto Daunou como Voltaire ainda não parecem empreender a ultrapassagem de avaliação da História como um tipo de saber que se justifica por seu utilitarismo ou por seu auxílio a outros âmbitos, como a Política.

É assim que, nesta mesma linha de tratamento da história como “*magistra vitae*”, encontraremos tanto em Daunou como em Voltaire a tendência a utilizar os cenários históricos como um grande tribunal que oferece ao historiador a oportunidade de julgar. Essa tendência ao impulso de julgar as ações humanas no tribunal da história, que seria tão criticada pelos historiadores e filósofos dos séculos seguintes – incluindo nomes tão diversificados como Ranke, Nietzsche e Marc Bloch – é perfeitamente assumida por Daunou e por Voltaire. Seria para se contrapor a este *modus operandis* que Ranke cunharia mais tarde o seu célebre dito, que seria tão mal interpretado e super-interpretado pelas gerações que o sucederam: “só pretendo contar os fatos como eles aconteceram”⁸. Este dito, tido por muitos como uma apologia da história factual, era na verdade apenas uma prédica de Ranke à humildade do historiador e ao seu dever de rejeitar a função de juiz na história. Quando comparamos Ranke a Daunou, ou a seu predecessor Voltaire, podemos perceber mais claramente este traço do tradicionalismo historiográfico que se estende para alguns setores historiográficos do século XIX a partir do iluminismo francês.

Entender a História como “moral experimental”, e atribuir-lhe como principal função a de “mestra da vida”, são em Daunou os antepassos para assumir aquela tendência que seria constante em todo o século XIX: a de encontrar na Política o principal interesse de estudos para o historiador. Sedimentam-se, com Daunou e com os demais historiadores da transição do século XVIII para o XIX, as bases para a constituição e consolidação de uma História Política, mesmo que Daunou, em honra às ideias de Voltaire, ainda reconheça a importância da história dos costumes:

Com efeito, senhores, a maior parte das ações e dos acontecimentos cuja lembrança pareceu digna de ser conservada apresenta um caráter político: em vão tentaremos nos impedir toda consideração sobre os destinos e interesses dos povos, sobre o poder e os deveres daqueles que

8. Esta afirmação de que o historiador deveria perseguir a meta de “contar os fatos como aconteceram”, evitando julgar a história, já aparece na introdução de sua obra sobre *Os Povos Românicos e Teutônicos* (1824).

os governam; nós a isso seríamos conduzidos pelo relato das guerras, das conquistas, das usurpações, dos conflitos interiores, das revoluções, dos golpes de Estado, das catástrofes. Sem dúvida, a história deve abraçar também a origem e o desenvolvimento das ciências, os progressos das artes, as instituições e as leis, os costumes e os usos das nações: é mesmo verdade que esses objetos, muitas vezes considerados acessórios, são os mais importantes de todos; mas eles estão ligados também mais ou menos imediatamente às ideias políticas; de modo que, à exceção de alguns detalhes biográficos, de ações puramente privadas, é o quadro dos impérios e dos governos que estará sem cessar sob os nossos olhos (DAUNOU, 2010, p.79-80).

Um dos aspectos mais avançados da concepção historiográfica de Daunou é o reconhecimento da necessária interdisciplinaridade com a Geografia – este saber que, conjuntamente com a Cronologia, Daunou considerava como “os dois olhos da história” (DAUNOU, 2010, p.82). Nos dias de hoje, já se estendeu às raias da obviedade uma plena clareza sobre o fato de que as intersubjetividades – inclusive aquelas que interferem decisivamente na operação historiográfica – inscrevem-se nesta tríade constituída pela “pessoa”, pelo “lugar e pelo “tempo”. Por isto já podemos situar, em sua justa significância, as reflexões sobre a importância historiográfica da espacialidade e da temporalidade que foram iniciadas por filólogos e historiadores da transição para a nova era historiográfica.

Já na segunda metade do século XVIII, podemos perceber como gradualmente vai se desenvolvendo entre os alemães uma consciência sobre a importância do “lugar” e do “tempo” para o fazer historiográfico. Assim, Thomas Abbt, na sua *História do Gênero Humano* (1766, p.219), já fazia notar que o lugar faria a diferença, mesmo que se mantivesse invariável o povo⁹, e logo depois Gatterer (1768), Büsch (1775) e Schlözer (1784) – três autores da segunda metade do século XVIII bem examinados por Koselleck – mostrariam que se encontra inscrita no “ponto de vista” também a perspectiva temporal.

Schlözer chamará atenção para o fato de que “um determinado fato pode parecer, nesse momento, completamente irrelevante, e, cedo ou tarde, tornar-se decisivo para a própria história ou mesmo para a

9. “A História de um mesmo povo será diferente na Ásia e na Europa” (ABBT, 1766, p.219). Esta passagem, e as duas seguintes, são comentadas por Koselleck no seu ensaio sobre o “Ponto de Vista” (2006, p.172).

crítica” (1784, p.7) ¹⁰. É interessante notar que, também na França, apesar da tendência iluminista a reforçar a perspectiva da universalidade, esta preocupação começa a surgir de forma decisiva na mesma época, primeiro com Voltaire, e depois com autores da transição para o século XIX, como Pierre Daunou¹¹.

O “estilo” é outra preocupação importante de Daunou em seu curso de História, e ele propõe mesmo a ideia de que um bom estilo de expor os resultados da pesquisa e da reflexão historiográfica é inerente a uma compreensão adequada da História. Assim, segundo Daunou, “um estilo obscuro, incorreto, sem movimento e sem cor é, nos livros de história, o sintoma comum da confusão das ideias e mesmo da inexatidão das pesquisas” (DAUNOU, 2010, p.83-84). A importância que reconhece na escolha do estilo adequado leva Daunou, inclusive, a destacar a necessidade de retratar uma história da escrita da história (2010, p.84).

Com relação ao estilo ideal que deveria ter a História em sua própria época, as conclusões de Daunou aproximam-se das propugnadas por Ranke. Para Daunou, “a simplicidade do estilo é a garantia da fidelidade das narrativas” (2010, p.85). A crítica ao excesso de ornamentação é aqui patente, e Daunou chega a ressaltar, como alerta ao novo historiador, que “ele desacreditaria sua posição se deixasse ver que trabalha para embelezar [o seu testemunho]” (DAUNOU, 2010, p.85).

É típica de Daunou, como também será de Ranke, essa oscilação entre o reconhecimento da importância da habilidade narrativa do historiador e a rejeição dos excessos ornamentais que o aproximariam dos romancistas que apenas estariam preocupados em contar uma boa história. Este equilíbrio entre “esclarecer, retratar e comover” deve ser buscado pelo historiador, conforme enfatiza Daunou (2010, p.85), e ele não se constringe em buscar um modelo de escrita historiográfica nos antigos:

Se as expressões morais ali se reduzem a sua expressão mais concisa, é para se tornarem traços de luz tão penetrantes quanto rápidos, que permanecerão para sempre impressos em nossos espíritos. Se, ao con-

10. Além desta passagem de Schlözer, Koselleck (2006, p.173) transcreve a seguinte passagem de Büsch: “Neste momento, acontecimentos que só agora se tronaram perceptíveis conferem importância a uma história que antes teria nos interessado muito pouco, ou que absolutamente não nos teria interessado” (BÜSCH, 1775, p.12).

11. Voltaire, por exemplo, no verbete “História”, para a Enciclopédia, chama atenção para a possibilidade de iluminar um lugar a partir de outro (VOLTAIRE, 2010, p.52), indicando um caminho que mais tarde seria percorrido pela História Comparada.

trário, os detalhes abundam, é para que os acontecimentos assumam suas cores naturais, revivam inteiros e firam nossa imaginação como no passado feriram os olhos dos espectadores. Ali, nada de esforços, nada de artifícios para lhes emprestar um interesse dramático que eles mesmos não teriam; mas também não temamos que percam algo daquilo que, com efeito, têm: enquanto for necessário que nos surpreendam por sua grandeza, nos assustem ou enternecem, o historiador não amortecerá nenhum dos movimentos que lhes pertencem, capazes de tocar nossas almas; ele não nos poupará nenhuma das emoções que ele mesmo experimentou (DAUNOU, 2010, p.85).

Estilo, Crítica Documental, Usos da História, consciência do “lugar” e do “tempo”, reconhecimento de uma comunidade de historiadores em formação e da conseqüente necessidade de um Ensino de História que se voltasse para esta formação – eis, enfim, um conjunto de aspectos que são enunciados e discutidos por Pierre Daunou em seu “Discurso dobre a História”. Esse texto deixa entrever, para o caso do estudo da historiografia francesa, uma passagem entre duas eras historiográficas e o adentramento, por vezes ainda hesitante, em um mundo que seria amplamente dominado pela ideia de cientificidade da História.

PIERRE DAUNOU: A SPEECH ABOUT HISTORY

Abstract: This article aims to examine the historiographical conception of Pierre Daunou, trying to show features and ambiguities of this French politician who also produced historiographic works. The article examines, with more specificity, the text entitled “Open Discourse of the History Curse pronounced on the Collège de France in April 13 of 1819”.

Key words: Daunou, French historiography, nineteenth century

REFERÊNCIAS

Fontes de época

ABBT, Thomas. *Geschichte des menschlichen Geschlecht* [História da Raça Humana]. Halle: 1776.

BÜSCH, J. G. *Encyclopädie der historischen, philosophischen und mathematischen Wissenschaften* [Enciclopédia das Ciências Históricas, Filosóficas e Matemáticas]. Hamburgo: 1775.

CICERO. *Orações*. São Paulo: Atena, 1957.

DAUNOU, Pierre. “Discurso de Abertura do Curso de História, pronunciado no Collège de France em 13 de abril de 1819”. In: MALERBA, Jurandir (org.), *Lições de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p.72-89 [original: 1819].

DIODORO. *Bibliotheca Histórica*. Leipzig: Vogel, 1883.

GATTERER, J. C. “Abhandlung vom Standort und Gesichtspunct des Geschichtsschreibers oder ter teutsche Livius”. [Ensaio sobre a localização geográfica e o ponto de vista do historiador] in: *Allgemeine historische Bibliothek*. Halle: 1768, tit.V.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e desvantagens da História para a Vida*, 1873 [incluído em *Escritos sobre a História*. São Paulo: Loyola, 2005] [original: 1873; publicado em 1874].

RANKE, Leopold Von. *History of the Latin and Teutonic Nations from 1494 to 1514* [História dos Povos Romanos e Teutônicos]. London: Kessinger Publishing, 2004. [Original: 1824].

SCHLÖZER, A. L. Von. *Vorrede zu Abbé Mably, Von der Art, die Geschichte zu schreiben*. [Prefácio ao abade Mably, a propósito da escrita da história] Estrasburgo: Dalzmann, 1784.

TAILLANDIER, M. A. H. *Documents historiographiques sur P. C. E. Daunou*. Paris : Firmin Didot Frères, 1847.

THIERRY, Augustin. “Sur le cours d’histoire de M. Daunou au Collège de France”. In: *Dix ans d’études historiques*. Paris : J. Tessier, 1835. p.215-224.

VOLTAIRE. *Oeuvres historiques*. Paris: Gallimard, 1957.

VOLTAIRE. “História” In: MALERBA, Jurandir (org.), *Lições de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p.42-62 [original: 1765].

Bibliografia

GERARD, M. B. *Notice sur M. Daunou*. Paris: Librairie de Dumoulin, 1855.

KERN, Daniela. “Pierre Daunou”. In: MALERBA, Jurandir (org.), *Lições de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p.63-72.

KOSELLECK, Reinhart. ‘Ponto de vista, perspectiva e temporalidade’ In: *Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p.161-188 [original: 1979].

MIGNET, F-A, M. « Daunou. Notice lue dans la séance publique de l’Académie des Sciences Morales et Politiques du 27 mai 1843 » In: *Notices et portraits historiques et littéraires*. Paris: Charpentier, 1854. v.I, p.379-422.

SAINT-BEUVE, Charles-Augustin. “Daunou” In: *Portraits contemporains*. Paris : Garnier Frères, 1855. v.3, p.3-69.

SOBRE O AUTOR

José D'Assunção Barros – Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Recebido para publicação em 22/07/12

Aceito para publicação em 02/08/12